

## CONJUNTURA

# Governo conterá consumo, prevêem economistas

*Crescimento atual aponta para expansão de 7% do PIB e perspectiva é de freio a partir do 2º trimestre*

ÂNGELA BITTENCOURT

O governo, a maior parte dos analistas — inclusive de órgãos oficiais como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) — e associações empresariais vêm trabalhando com a projeção de um crescimento de 4% a 5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1997.

Os números trazem quase sempre implícita a perspectiva de uma freada da economia a partir do segundo trimestre, basicamente por uma razão: mantido o ritmo do final do ano passado e início deste, o crescimento da economia poderia alcançar algo próximo a 7%.

Os economistas Fernando Camargo e Bernardo Gouthier Macedo — responsáveis pela elaboração de estudo especial para o Banco Fator sobre atividade econômica e crédito — constatam que diversas informações confirmam o ritmo acelerado de expansão da economia desde a virada do ano.

O diagnóstico parece também mais adequado aos poucos indicadores referentes a janeiro e fevereiro já divulgados, como o elevado número de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), que mostra a virtual consolidação de um nível muito mais elevado que o do ano passado.

Também contribuem para a sustentação da demanda neste início de ano as boas perspectivas associadas à evolução da massa de rendimentos e a ligeira melhora de margens sobre o custo unitário em alguns ramos industriais.

No caso dos salários, apesar do ligeiro aumento da quantidade de categorias que não conseguiram

repor, em 1996, a totalidade da inflação passada, o grau médio de indexação presente nos acordos firmados em data-base permanece elevado, graças à ampliação de negociações que incluem cláusulas de participação nos lucros e resultados nos setores mais dinâmicos, como metalúrgicos, químicos e farmacêuticos.

“O clima geral é de otimismo”, garantem os economistas. Os setores de automóveis, eletroeletrônicos, materiais de construção civil, mobiliário, embalagens, alimentos industrializados e higiene e limpeza informaram ter recebido, no início de 1997, encomendas superiores às apresentadas em 1996 de 4% a 6% e projetam crescimento do faturamento e da produção entre 10% e 15% ao longo do ano.

O Banco Fator informa que o quadro de desbalanceamento e dispersão setorial, presente em meados do ano anterior, cedeu lugar a um horizonte quase generalizado de crescimento.

Fernando Camargo e Bernardo Macedo observam que, à medida que se acumulam evidências quanto à persistência do consumo em nível elevado, e uma vez assegurada a aprovação da emenda da reeleição, crescem as especulações quanto à ado-

ção de restrições ao crédito pelo governo.

“A desaceleração espontânea, se vier, dificilmente ocorreria ainda neste primeiro semestre, ao menos com força suficiente para estancar a deterioração da balança comercial”, calculam.

Os economistas ponderam que, apesar da evidente relutância do governo em assumir o ônus político de medidas de freio, a opção por continuar apenas torcendo para que a economia se desacelere espontaneamente significaria ampliar a vulnerabilidade externa do País, introduzindo um risco maior de turbulências no ano eleitoral de 1998.

Epitácio Pessoa/AE



Mallmann, do Bicbanco: definições frágeis sobre aquecimento

**S**ALÁRIOS  
ESTÁVEIS  
SUSTENTAM  
DEMANDA